

A C A C E I I 4 9 7 3 / 7 8

C N F

I / I

# FICHA DE DISTRIBUIÇÃO E PROCESSAMENTO DE DOCUMENTOS

S. N. I.  
 AGENCIA CENTRAL  
 023320 25 OUT 78  
**PROTOCOLO**

ACE **114973**

## 1. CARACTERIZAÇÃO DO DOCUMENTO

ORIGEM: CH/GAB/SNI TIPO: Memo Nº 1533 DATA: 23/10/78  
 CLASSIF: Conf. REF: -  
 ANEXOS: Infão 750/19/AC/78, e cópia de Av. 116/CH/SNI  
 ASSUNTO: Abdias do Nascimento - Racismo Negro no Brasil - Entrevista publicada no "Pasquim" nº 481 de 15/21/Set/78.

## 2. DISTRIBUIÇÃO INICIAL

ORIGINAL SE19

CÓPIAS	<input type="checkbox"/> CHEFE DO SNI	<input type="checkbox"/> CHEFE GAB/AC	<input type="checkbox"/> SC-2	<input type="checkbox"/> SC-5
	<input type="checkbox"/> CHEFE GAB/SNI	<input type="checkbox"/> SS-051	<input type="checkbox"/> SC-3	<input type="checkbox"/> SC-6
	<input type="checkbox"/> CHEFE DA SAD	<input type="checkbox"/> SC-1	<input type="checkbox"/> SC-4	<input type="checkbox"/> SC-7
OUTROS DESTINATÁRIOS				

## 3. ORIENTAÇÃO

TOMAR CONHECIMENTO REGISTRAR FALAR COM A CHEFIA APROFUNDAR PROCESSAR INTEGRAR ARQUIVAR

MONTAR INFÃO PARA: \_\_\_\_\_ DIFUNDIR PARA: \_\_\_\_\_

## 4. ORDENS PARTICULARES:

60/11/6  
P.A: RACISMO NEGRO NO BRASIL

*[Handwritten Signature]*  
 \_\_\_\_\_  
 RESPONSÁVEL PELO PREENCHIMENTO DA FICHA

## 5. PROVIDÊNCIAS:

SE-19 Ao ANGE em 30 out 78

**CONFIDENCIAL**

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES  
GABINETE DO MINISTRO

MEMORANDO Nº 1533 /02/CH/GAB/SNI



114973

DATA: 23 OUT 78

ASSUNTO: ABDIAS DO NASCIMENTO - RACISMO NEGRO NO BRASIL - ENTREVISTA  
PUBLICADA NO "PASQUIM" Nº 481 DE 15/21/SET 78.

REFERÊNCIA: - . . . . .

ORIGEM: (2187/09/78) (AC/SNI)

DIFUSÃO: AC/SNI

ANEXO: -INFÃO Nº 0750/19/AC/78, de 25 Set 78  
-Cópia do Av nº 116/01/Ch/SNI/78, de 20 Out 78

S. N. I.  
AGENCIA CENTRAL  
023320 25 OUT 78  
PROTOCOLO

1. -----

2. DESPACHO:

- |  |  |
|--|--|
| <input checked="" type="checkbox"/> ACOMPANHAR | <input type="checkbox"/> EMITIR PARECER          |
| <input type="checkbox"/> APROFUNDAR            | <input type="checkbox"/> JUÍZO SINTÉTICO         |
| <input checked="" type="checkbox"/> REGISTRAR  | <input type="checkbox"/> PROVIDÊNCIAS CABÍVEIS   |
| <input checked="" type="checkbox"/> CONHECER   | <input type="checkbox"/> PRODUZIR INFORMAÇÃO     |
| <input type="checkbox"/> ARQUIVAR              | <input type="checkbox"/> POSSÍVEL APROVEITAMENTO |
| <input type="checkbox"/> O QUE CONSTA          | <input type="checkbox"/> DIFUNDIR PARA           |
| <input type="checkbox"/> PROCESSAR             | <input type="checkbox"/>                         |
| <input type="checkbox"/> LDB ( )               | <input type="checkbox"/>                         |

PARA USO DO DESTINATÁRIO

**CONFIDENCIAL**

CONFIDENCIAL

GTC e determinou enviar cópia do SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES  
característica da *da Jurel* AGÊNCIA CENTRAL

o que já foi feito por esta SI/GAB/SNI.

Em 20/10 /1978



INFORMAÇÃO Nº 0750 /19/AC/78

DATA : 25 SET 78  
ASSUNTO : ABDIAS DO NASCIMENTO - RACISMO NEGRO NO BRASIL  
ORIGEM : AC/SNI  
DIFUSÃO : CH/SNI-CIE-CISA-CENIMAR-CI/DPF-DSI:MJ-MRE  
ANEXO : Cópia xerox de entrevista publicada no "PASQUIM".

1. ABDIAS DO NASCIMENTO concedeu entrevista aos jorna-  
listas ORLANDO FERNANDES e ANA ANGÉLICA DOS SANTOS, publicada no  
"PASQUIM" nº 481, de 15/21 Set 78.

ABDIAS DO NASCIMENTO é, presentemente, a figura de  
maior projeção do movimento racista negro no BRASIL, não só por suas  
qualidades intelectuais mas, também, pela doutrinação que desenvolve  
em torno da tese de que o homem "afro-brasileiro", organizado poli-  
ticamente, poderá se constituir em influente força política, capaz  
de apresentar um projeto político original para o País.

2. As principais idéias expostas por ABDIAS DO NASCI  
MENTO, podem ser assim resumidas:

- sentindo-se tolhido para desenvolver suas ativi-  
dades no BRASIL, resolveu aceitar o cargo de professor catedrático  
na Universidade do Estado de Nova Iorque, em BUFFALO, por considerá-  
-lo um trampolim para fazer o movimento negro chegar aos quatro can-  
tos do mundo;

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

(CONTINUAÇÃO DA INFORMAÇÃO Nº 0750 /19/AC/78.....Fls. 02)

- considera que as religiões "afro-brasileiras" funcionam como instituições onde o negro pode resistir às distorções de sua personalidade e de sua cultura, e conservar-se fiel a si mesmo;

- embora veja na escravidão a consequência da desestruturação da família e da personalidade do negro, acha que a abolição foi uma violência muito maior, porque não teve direção e a maioria dos negros é ainda hoje uma "massa de párias", sem nenhum eixo de gravidade;

- acha que o ponto de partida para a emancipação do negro, são os "quilombos" cuja organização social mostrava um socialismo anterior ao socialismo científico europeu;

- não tendo o BRASIL nada de original em termos políticos, acha que o negro, a exemplo do que já fez nas artes, pode dar alguma contribuição original para um projeto político;

- acredita que, se algum dia o BRASIL tiver uma democracia, ela terá de fluir da grande maioria "afro-brasileira", inspirada no modelo de "Palmares", por ser esse um modelo original e não copiado dos ESTADOS UNIDOS ou da EUROPA;

- com relação ao "Teatro Experimental do Negro", criado por ele durante o "Estado Novo", disse que teve por objetivo apenas servir de cobertura para as diversas atividades que desenvolveu a partir daí, citando, entre outros, o "Comitê Democrático Afro-Brasileiro", que, no seu entender foi o braço político que lutou pela anistia e várias modificações na "ditadura da época";

- no tocante às suas peças teatrais, diz ter sofrido repressão não só da censura, como também do próprio MEC, ao negar-lhe, propositadamente, recursos para esse fim, através do Serviço Nacional do Teatro;

- se o "Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial" (MNUCDR) se transformar numa força política, não será

CONFIDENCIAL

(CONTINUAÇÃO DA INFORMAÇÃO Nº 0750 /19/AC/78.....Fls. 03)

como as outras existentes no país, pois tem uma contribuição original a dar;

- o movimento negro quer ter uma forma política no jogo da busca do poder, mas de forma diferente às propostas políticas existentes atualmente;

- a Lei "Afonso Arinos" é uma "piada", "todo mundo burla", e serve para provar que existe a discriminação racial do BRASIL;

- a miscigenação no BRASIL foi um crime contra a mulher africana, que foi violada e possuída à força deixando a negra e a mulata completamente desprotegidas, para serem usadas como objeto sexual;

- a classificação da cor da pele foi adotada para impedir que o negro se definisse como tal, para diluir a sua força;

- embora o BRASIL esteja penetrando na ÁFRICA com suas mercadorias e indústrias, não se vê nenhum resultado, para o negro, desses grandes negócios;

- uma das reações à luta interna dos negros e à fiscalização do corpo diplomático africano sobre o BRASIL foi colocar uma moça negra, usada como brinquedo, no Instituto Rio Branco, para mostrar que não há racismo no BRASIL.

3. A matéria em questão insere, também, a Carta de Princípios do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, que se constitui de cinco pontos básicos:

a. Defesa da comunidade negra em todos os aspectos - político, econômico, social e cultural;

b. Reavaliação do papel do negro na História do BRASIL;

c. Extinguir todas as formas de perseguição, exploração, repressão e violência;

CONFIDENCIAL

(CONTINUAÇÃO DA INFORMAÇÃO Nº 0750 /19/AC/78.....Fls. 04)

d. Liberdade de organização e expressão em nossa comunidade; e

e. Solidariedade à luta internacional do negro.

4. Encerrando a entrevista, ABDIAS DO NASCIMENTO declarou que pretende retornar definitivamente para realizar os seus objetivos. Enquanto isso, procurará vir mais frequentemente ao BRASIL, para ajudar na edificação do movimento negro.

\* \* \*

CONFIDENCIAL

O original deste documento (com 2 folhas) foi apresentado parcialmente ilegível para microfichagem, não sendo possível sua leitura completa no original nem na microficha.



ABDIAS NASCIMENTO, INDIGNADO COM A SITUAÇÃO DO NEGRE NO BRASIL!

# "A COISA TÁ BRANCA!"

VICE-PRESIDENTE DO INSTITUTO DE PESQUISAS DAS CULTURAS NEGRAS (IPCN)

Quando Orlando Fernandes veio me propor a entrevista com Abdias, topei de cara, é claro, mas avisei que só queria crioulo na entrevista. "Nenhum preto pra paternalizar, nenhum preto de alma branca. Mete bronca". E assim foi. O preto veio Abdias, como vocês vão ver, botou o preto no preto. — (Jaguar)

Ana Angélica dos Santos — Professor, quais foram os motivos da sua saída do Brasil?

ABDIAS — Não tinha mais condições de desenvolver meu trabalho em favor da minha raça. Sentia que estava sendo muito congado. Me puseram em IPMAs com os quais nada tinha que ver. A única coisa que eu fazia era simplesmente tentar melhorar a situação da minha gente, tentar resgatar seus valores africanos, tentar recuperar sua própria identidade. Não via porque devia sofrer restrições nesse sentido, no entanto meu nome ficou rodando por aí. Nunca pensei em atuar ou ter compromisso com qualquer outra corrente política-social a não ser a do negro, e se andei transviado por essas coisas foi em busca de um meio de luta negra. Não sou um contemplativo. Sempre atuei. E como não podia atuar, por sofrer limitações, resolvi sair.

Ana — Então foi um auto-exílio.

ABDIAS — Entre outras. Estava condicionado a ficar aqui imobilizado. Sui por sentir que estava indesejado diante dessas provocações.

Ana — O que você está fazendo nos Estados Unidos?

ABDIAS — Sou full professor... Faço questão de full porque aqui quando falamos que um negro é professor na Universidade de Nova Iorque acham que é uma pessoa que está lá encostada, dando uma ou outra palestra. Não estou ficando pras bancadas mas gostaria que os negros soubessem que há um representante seu nessa categoria. Sou full professor — catedrático — na Universidade do Estado de Nova Iorque, em Buffalo. Mas isto é um trampolim para fazer o movimento negro chegar aos quatro cantos do mundo. Tô pra mostrar que ele não está isolado, que pode estar conchicando por um isolamento imposto mas que procura romper isto para comunicar com todos e tudo que se faz em benefício da raça.

ABDIAS — Desde a infância. Mas naquela época era uma coisa de âmbito muito pessoal, de famílias, lutinha com racismo na escola, etc. e não em grande escala.

Orlando — Em que cidade era isso?

ABDIAS — Franca, no estado de São Paulo.

Orlando — Até que idade o senhor permaneceu lá?

ABDIAS — Até os 16.

Ana Angélica dos Santos — Quando começou sua participação mais efetiva visando a comunidade?

ABDIAS — Quando estava em São Paulo, soldado do 22 Regimento de Artilharia Pesada, e meio contra as regras disciplinares comecei a parti-

cipar de uma organização de jovens negros em Campinas que procuravam desenvolver um trabalho de criatividade literária ao mesmo tempo em que ajudava a comunidade no sentido de instrução e alfabetização. Em São Paulo também passei a participar de algumas organizações de massa. O ponto de reunião da massa negra era nas gaffieiras.

Orlando — A idéia que se tem de gaffieira é a de um lugar onde se vai dançar.

ABDIAS — Tinham esse caráter mas a gente queria extrair outras coisas daí. Gareta, o dono do Sora do Cristal, é uma pessoa aberta a tudo que pode ajudar e melhorar a raça negra. Os pontos de encontro eram as escolas de samba, as gaffieiras e as tendas de religiões. As religiões afro-brasileiras não têm um comportamento de denúncia explícito ou de caráter reivindicatório mas sempre funcionaram como instituições onde o negro pôde resistir às distorções de sua personalidade e de sua cultura. Os centros de macumba e candomblé têm um papel muito importante nessa luta, porque além de dar a oportunidade do encontro, têm implícito um fermento mais denso das culturas tradicionais africanas, fornecendo um suporte interior para que o negro possa continuar a sua luta e conservar-se fiel a si mesmo. São religiões que não têm um sentido morto, estratificado, imobilizadora, como o caso da maioria das religiões das classes dominantes, onde a gente entra e transforma-se num elemento quietista.

Em "O Genocídio do Negro Brasileiro", transcrevo a palavra do Padre Antonio Vieira, maior dos catequistas, ideólogo das classes dominantes, dizendo que os negros tinham que se conformar, serem bonzinhos, mesmo quando o senhor era violento ou cruel pois assim ganhariam o céu. Mas nesse tempo eu não sabia dessas coisas, estava muito enganado, pensava em integração racial, e o processo para me libertar dessas idéias e idealismos foi muito doloroso. Soltei no sangue e na carne para me libertar dessa parafernália com que procuram depar e drogá a consciência do negro. Muitas intuições de adolescente estavam certas. No grupo escolar éramos colegas mas daí a pouquinho tudo mudou: os outros podiam estudar tranquilos e eu tinha que trabalhar o dia inteiro pra estudar de noite.

Orlando — Milton Nascimento fez uma música chamada "Morro Velho" retratando esse tipo de situação.

ABDIAS — Mas se dizem que isso era porque minha família era pobre. Só

depois com observação e esclarecimento a gente vai vendo que isso é meia verdade, e que a outra está na raça.

Orlando — Como foi criado essa mentalidade de inferiorização do negro?

ABDIAS — Começou com o período de escravização dos africanos. A máquina européia começou o trabalho de justificar teoricamente a escravidão, dizendo, portanto, que o negro era inferior, não tinha história, cultura nem civilização. Era uma forma de dizer que o negro era selvagem e que a Europa estava fazendo um grande favor em nos arrancar violentamente da nossa terra e do nosso solo pois estava nos livrando do mal, salvando nossas almas e nos civilizando. Ai começou a simbolização do negro como mau, inferior, sem valor, o negativo. Essas identificações, naturalmente, foram assumidas pela sociedade brasileira. As idéias básicas da Europa Imperialista e Colonizadora foram assumidas pela Intelligentsia brasileira, que passou a fabricá-las com sua linguagem local. A criança negra já

## MULATO QUER DIZER COR DE MULA

é tratada dentro dessa perspectiva, tendo um tratamento diferente, injetando nela um conceito de inferioridade, para que tenha insegurança, auto-desprezo, quase que um horror de si mesma e de sua família, sobretudo para que não tenha passado.

Orlando — A insegurança de não ter história.

ABDIAS — A opressão cultural é sobretudo uma questão de lavagem cerebral. Um instrumento importante para essa inferiorização é a memória. Procuram apagar a memória da raça.

Orlando — Uma das piores consequências da escravização foi a desestruturação da família do negro.

ABDIAS — E desestruturando a família desestruturou-se a personalidade. A Abolição foi uma violência muito maior porque não teve direção, ficou aí flutuando, e até hoje a grande maioria negra está no campo e não na cidade. É uma massa de párias sem nenhum eixo de gravidade. Esperava-se que as populações urbanas servissem como referência ou ponto de apoio mas até hoje não os foram e ainda estamos nos debatendo no caos. O negro, depois da Abolição, foi atirado no caos e nele está até hoje.

Orlando — Há um longo período da história do Brasil que continua no limbo do esquecimento: O Quilombo dos

Palmares, que teve uma duração quase secular mas nos livros de História ocupa apenas um pequeno tópico. Cem anos da História do Brasil — que tem apenas 400 — são contados em dez ou vinte linhas, omitindo-se a existência de uma nação dentro do Brasil com leis e sistemas próprios. A organização de Palmares era tal que resistiu cem anos sendo atacada por todos os lados. Nós achamos que a retomada da história dos quilombos deveria ser uma de nossas tarefas.

ABDIAS — Estou de acordo. Realmente, é o capítulo mais importante no processo de libertação do Brasil. Mas está sendo minimizado porque não convém mostrar ao negro o que fez e como soube lutar por sua independência. No entanto, dão todo um relevo ao Movimento Abolicionista que foi liderado por brancos liberais. Botam algumas figuras negras que realmente não participaram — como Luis Gama e José do Patrocínio — mas fica como se fosse uma grande generosidade, demonstrando um grande espírito de humanismo e ausência de indisposição contra a raça negra, quando sabemos que os abolicionistas só se interessavam pelas interesses econômicos de sua classe. Vejam que Joaquim Nabuco, o líder deles — um parlamentar branco aristocrata — também advogava a extinção da raça negra. A abolição não foi feita por nenhum espírito de justiça para com a raça negra. Isso faz parte de conduta sistemática de apagar a memória do negro. Esse capítulo tem que ser escrito por nós mesmos.

Orlando — Principalmente quanto aos quilombos.

ABDIAS — A importância dos quilombos vai além disso. Quando penso que amanhã faremos o nosso movimento político, dirigido por nós, acho que este deverá ser independente de qualquer influência de idéias ou sistemas políticos brancos, vindo de esquerda, de direita ou do centro; e o ponto de partida para fazer uma coisa nossa são os quilombos, que nos mostrará uma visão de uma sociedade pluri-racial e pluri-cultural onde não haja oprimidos nem exploradores, nem explorados nem exploradores. A organização social dos quilombos veio das entranhas da experiência africana, que não tem nada que ver com esse socialismo científico europeu mas é um socialismo anterior a esse. Não temos que copiar essas coisas de ninguém. Naturalmente, não estamos perguntando a volta aos quilombos e sim a utilização destes como ponto de partida.

Orlando — Como referência histórica.

ABDIAS — A experiência dos quilombos atada à nossa experiência atual é

### Carta de Princípios do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial

Nós, membros da comunidade negra brasileira, conscientes da existência da discriminação racial, marginalização dessa comunidade, desemprego, subemprego, perseguição racial no trabalho, condições subumanas de vida quando presidências, permanente repressão, perseguição e violência contra virmos exploração social e econômica da mulher negra, tratamento desumano de mendigos, colonização e esmagamento da nossa cultura, o mito da democracia racial.

Resolvemos juntar nossas forças e lutar por:

1. defesa da comunidade negra em todos os aspectos — político, econômico, social e cultural — através da conquista de maiores oportunidades de emprego, melhor assistência à saúde, à educação e à habitação
2. reavaliação do papel do negro na História do Brasil através do combate à comercialização, à folclorização, e à distorção da nossa cultura
3. extinguir todas as formas de perseguição, exploração, repressão e violência a que somos submetidos.
4. liberdade de organização e expressão em nossa comunidade
5. solidariedade à luta internacional do negro

Alcançando assim, então, uma sociedade democrática, justa e que permita plena realização humana do indivíduo negro, compreendendo como tal todo aquele que possua na cor da pele, no rosto ou nos cabelos as marcas dessa raça submetida e oprimida na África, no Brasil, e em outras partes do mundo, nos últimos 500 anos.

que para as plantas e as linhas estruturais do canino político através de qual amanhã poderemos atuar. O Brasil não tem nada de original. Quem pode dar alguma contribuição original é o negro, não somente na arte, como já deu, mas também num novo projeto político, pois tem esses antecedentes válidos, positivos e cristivos.

Orlando — Não só pra comunidade negra...

ABDIAS — Pro Brasil todo! O Brasil terá necessidade da atuação específica do afro-brasileiro quando este for maior. Quero esclarecer que quando falo na ausência de originalidade no Brasil é no sentido da sua arte e cultura, que sempre viveu dependente da Europa e agora dos Estados Unidos. As coisas originais são realmente aquelas onde o negro ou o indígena tem predominância. No mais, somos papel carbono. E um país inteiramente alienado de sua verdade nacional, sempre querendo brilhar a custa do mimetismo dos modelos europeus. E nesse aspecto que a maioria afro-brasileira tem que ter um papel relevante. Não vamos permitir que essa minoria pseudamente branca e de origem latino-europeia fique comandando o destino no país por toda a vida. Se algum dia tivermos uma democracia aqui, esta terá que fluir da grande maioria afro-brasileira, que há de querer também contribuir para o futuro do país com sua própria visão de sociedade e de Estado, inspirada no modelo de Palmares.

Orlando — Mas a gente ouve que nós, os negros brasileiros, estamos importando modelos de atuação do negro americano, transportando-os pra nossa experiência.

ABDIAS — Com isso vocês vêem como nossas classes dirigentes pensam que são e pertub. Sempre viverem copiando modelos europeus e norte-americanos e agora querem projetar sobre nós aquilo que praticam o racismo no Brasil muito anterior ao racismo americano. Os africanos começaram a ser escravizados no Brasil por volta de 1530. Em 1535 já havia um tráfico organizado. Nos Estados Unidos, entretanto, só começou depois de 1600, quando o Quilombo dos Palmares já lutava como uma fortaleza de resistência cultural. Como estamos importando? Lutamos por nossa sobrevivência, nossa dignidade e nossa liberdade muito antes dessa luta ter começado nos Estados Unidos. Essas distorções da verdade são instrumentos de atenuação. Aqui no Brasil, tudo que é para a libertação do povo é chamado de estrangeiro como se fosse coisa do diabo. Eles esperem que quando há luta pelos direitos humanos —

PASQUIM

direitos humanos para a criatura humana — não existe Patria, pois interessa a todos os países. Ainda existir um ser humano há um interesse por esse problema. Se o negro luta dizem que está lutando do americano.

Ana — Por que ao invés de criar o Teatro Experimental do Negro você não criou um movimento que não envolvesse apenas o aspecto artístico, mas fosse mais aberto pra comunidade?

ABDIAS — O que você está dizendo é muito interessante. Você conhece o Teatro Experimental do Negro?

Ana — Então por que esse rótulo?

ABDIAS — O rótulo foi uma estratégia de luta. Naquele momento a ditadura de Vargas só permitia esse tipo de metáfora. Foi a metáfora que conseguiu engendrar uma eficácia pra lutar pelo negro em todos os seus níveis. Agora, nunca foi um grupo só pra fazer teatro. Basta ver o número de coisas que organizou: o Comitê Democrático Afro-Brasileiro, seu braço político que lutou pela anistia e várias modificações na ditadura da época; a I Convenção Nacional do Negro, em São Paulo, e a II Convenção Nacional do Negro, no Rio — onde pela primeira vez copiou-se de leis de amparo ao estudante negro, de leis antidiscriminatórias, de distribuição de terras, anticoncentração de renda; a I Conferência Nacional do Negro, em 49, para fazer o Temário para I Congresso do Negro, que foi realizado em 50... Além disso tinha atividades didático-escolares. Os recursos na época eram mínimos mas mesmo assim mantivamos cursos de alfabetização e iniciação cultural.

Ana — Que tipo de repressão sofreu o Teatro?

ABDIAS — A União Nacional dos Estudantes foi um órgão repressor do Teatro Negro. Nos cederam salões mas na medida em que crescemos e queríamos afirmar nossos próprios problemas fomos expulsos de lá, tanto o Teatro quanto o Comitê. Quando o negro se recusa a ser usado não serve: "Vocês são racistas, desordeiros, tão querendo criar um problema". A desculpa é sempre essa.

Ana — E a repressão do sistema?

ABDIAS — Houve censura sobre algumas das minhas peças, como "O Sortilégio". E houve sobretudo na ausência de recursos. Martins Moreira, antigo amigo meu, era diretor do Serviço Nacional do Teatro, e me contou que: "Olha, o Ministro de Educação me disse: 'Dê um jeito de nunca ajudar esse Teatro pra ele acabar o mais depressa possível'". Esse Ministro era Clemente Mariani, um mulato da Bahia. As coisas no Brasil são sempre feitas por subterfúgios, por trás, a facada é nas costas. Esse é o Estado do qual todo mundo fala: "Ah, como é aberto, não tem racismo, é uma civilização fraternal"! Em termos teóricos é uma coisa mas a prática é bem diferente. Esse é outro aspecto diferente do racismo aqui e nos Estados Unidos. Lá é explícito e aberto. O sujeito tem a opção de se defender ou não. Aqui nunca pode se defender porque não sabe onde está o inimigo. Aqui é deixar que os negros morram em silêncio, nunca dizendo: "Você tá morrendo porque nós não gostamos de você, porque nós somos racistas". No I Congresso de Raças, em 1911, o representante brasileiro disse que no ano 2000 o problema do negro no Brasil já teria sido resolvido pois este teria desaparecido. Toda a inteligência brasileira protetora: achava que 100 anos fosse muito tempo. Ai ele explicava porque ia acabar. Não tinha nenhum apoio, o negro estava ai desde a Abolição sem nenhuma base pra sobreviver. Houve um plano de extinção da raça através desses mecanismos indiretos. Nos Estados Unidos dizem: "Lincham porque é negro! Bota fogo nele com gasolina"! Aqui deixam ele morrer na fome, na doença...

Ana — Ou então é geração espontânea.

Orlando — Existe alguma correlação entre a Frente Negra Brasileira, da década de 30, e o Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial?

ABDIAS — A correlação já está no próprio nome. O ponto básico da Frente Negra era discernir, combater e confrontar o racismo e a discriminação racial. Agora, a Frente tinha um propósito político-partidário — mas dentro do

logo normal das instituições da época — pretendendo transformar no novo partido político. Pensei estar cometendo uma injustiça, porque não era um dirigente mas um simples soldado da luta. Mas a Frente, por permanecer sem um partido no nível daqueles já existentes, não ia trazer nada de atribuição no sentido de uma visão da sociedade. Sinto que se o MNU não se transformasse numa força política não seria como as outras existentes no país pois tem a sua contribuição original a dar.

Ana — Política no sentido prego da palavra, né.

## A LEI AFONSO ARINOS É COISA DE PIADA, NÃO FUNCIONA, TODO MUNDO BURLA COMO QUER

ABDIAS — Toda opção ou escolha é um gesto político. Nesse sentido, também queremos ter uma força política nesse jogo em busca de poder. Nossa preocupação não é entrar nessa política mas fazer uma política. Nas reuniões do Movimento a que assistiu ninguém falou nisso, mas pelo que senti das tendências daqueles que estão tratando desse problema, tanto na Bahia — onde ajudai a organizar — quanto em Minas ou São Paulo, não vejo condições pra se fazer uma força política no mesmo parâmetro das que aí estão. Acredito que se nos organizarmos numa força política vamos querer dar um passo diferente, não sei se à frente ou atrás, à esquerda ou à direita, mas não será igual aos que estão aí ou aos que estão sendo propostos. Tem alguns partidos falando em democracia mas que ainda não tocaram no problema básico das massas afro-brasileiras. Tá se vendo que pra essas organizações tipo democráticas essas massas são apenas manipuláveis, não têm voz nem vez, não são ouvidas nem cheiradas. Isso é outro engodo, outra mistificação, e não uma democracia real e orgânica.

Ana — Qual sua opinião sobre a Lei Afonso Arinos?

ABDIAS — Não poderia falar sob o aspecto técnico porque não sou um homem de leis, mas vejo seus resulta-

## A ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA FEZ PARTE DA CONDUTA SISTEMÁTICA DE APAGAR A MEMÓRIA DO NEGRO

dos. Essa lei está aí há mais de 30 anos e não consegue impedir nada. A prática da discriminação está aí sendo perpetrada diariamente. A imprensa publica talvez 1% dos casos que ocorrem todo dia. Vemos assim que a lei é inoperante e não tem função. Tornou-se um elemento folclórico, coisa de plada, uma lei que não funciona e todo mundo burla como quer. Tem um aspecto que não podemos subestimar: prova que existe a discriminação racial no Brasil. No mais, num sentido de confrontar, impedir, dificultar ou erradicar a discriminação racial, não tem nenhuma eficácia.

Ana — Vejo a Lei do Ventre Livre como o estopim do mito do pivete. Se uma escrava não pudesse dar nenhuma assistência ao seu filho este teria que se virar.

ABDIAS — Mas tudo no Brasil é feito assim, minha filha. A miscigenação, a maior prova do crime praticado contra os africanos, é apresentado aqui como uma grande virtude. O que foi a miscigenação, nos moldes praticados no Brasil, senão um crime contra a mulher africana? Viviam, possuíam a força, e isso é tudo como um grande valor da

civilização brasileira, contribuindo para hoje. Deixaram a mulher negra e mulata completamente desprotegida, sem status ou condições de auto-defesa, pra poder usá-la como objeto sexual. Esse símbolo existia da mulata é outra verdade, é simplesmente um meio de continuar explorando a sexualidade. No entanto, tem isso como uma grande virtude, como a grande solução.

Orlando — Como o apagão da sociedade brasileira.

ABDIAS — Vejam como torcem as coisas.

Ana — Além disso, a mulata é apresentada como sendo mais bonita quanto mais seus pais se aproximam do branco. As pessoas se desvinculam também o termo do seu aparecimento pejorativo.

ABDIAS — Mulato quer dizer cor de mula.

Orlando — O IBGE deve ter parado de perguntar sobre o item "Cor" nas suas pesquisas porque o povo deu 139 definições diferentes sobre sua cor.

Ana (leu a lista de classificações de cor da pesquisa do IBGE) — "Acastanhado, amarelado, azul, azul-marinho, balano..." Balano não tem nada a ver com cor. "Branca-melada, branca-queimada, branca-suja..." Essa última é bem característica. "Burro quando foge..." É a própria indefinição de cor: "Cor-de-cul..." esbranquiçado... Todos tendem pra indefinição mas sempre minimizando a cor negra.

ABDIAS — E, fizeram essa lista de classificações pra impedir que o negro se definisse como tal, pra diluir sua força. "Ah, você já é mais clarinho, não precisa se identificar como negro, já tem um pouquinho mais de preto porque é mais bonito."

Ana — Dizem que a situação está negra, mas foram os negros que criaram essa situação? A coisa tá é branca! O verbete "negro" nos dicionários tem uma carga pejorativa do princípio ao fim.

ABDIAS — Nas minhas peças americanas uso whitemail ao invés de blackmail, que é "chantagem". Os negros lá estão devolvendo todos esses conceitos pejorativos. Temos que usar todos os recursos para contra-atacar.

Ana — Na África existe muita preocupação com o problema do Brasil.

ABDIAS — Querem saber o que que há com esses negros aqui. Na maior nação negra fora da África não se vê os negros falando, definindo, fazendo qualquer coisa, deixando que os brancos os representem. Se o negro está em tão boa situação como dizem porque não aparece? Por que não está no Corpo Diplomático? O Brasil tá entrando em chelo na África com suas mercadorias e indústrias mas não se vê nenhum resultado para o negro desses grandes negócios. A mesma carnada branca que sempre explorou os negros aqui são os que estão se beneficiando desse alto comércio com a África. Os africanos devem pensar que os negros aqui são cegos ou tão ingênuos que não estão vendo isso tudo. Uma das frações não somente à nossa luta interna mas também à essa fiscalização do corpo diplomático africano sobre o Brasil foi colocarem uma negra como aluna do Instituto Rio Branco, mas o carnaval que fizeram com esta moça mostra como estão ansiosos por pegar um totem, uma figura simbólica, pra mostrar que agora não há mais racismo no Brasil. Essa pobre moça está sendo simplesmente um joqueio.

Orlando — Gostáramos que senhor registrasse algumas palavras de despedida.

ABDIAS — De até-breve, né, porque agora pretendo voltar com mais frequência.

Ana — Não pretende voltar definitivamente?

ABDIAS — Claro, mas não sei quando. Uma volta definitiva não é simplesmente voltar mas voltar e poder trabalhar, e poder realizar as coisas. Voltar sem poder atuar e continuar minha obra não me interessa. Agora, pretendo voltar sim porque aqui é o meu lugar. Lá é sempre um lugar adjetivo, de empréstimo, onde no momento estou sendo mais útil. Mas tenho que trabalhar aqui com meu povo, e enquanto não vou de uma vez, pretendo vir aqui frequentemente para ajudar na edificação desse movimento.

CONFIDENCIAL

9

AVISO Nº 116 Ol/Ch/SNI/78

Em 20 de outubro de 1978.

Assunto: ABDIAS DO NASCIMENTO  
↳ Racismo Negro no Brasil

Anexo: Cópia da Informação datada de 25/09/1978.

Senhor Ministro

Encaminho, para conhecimento de V. Exa., a Informação anexa, solicitando um estudo por parte desse Ministério sobre a possibilidade de se processar o nominado, com base na Lei de Segurança Nacional.

Aproveito o ensejo para renovar a V. Exa. meus protestos de estima e consideração.



A Sua Excelência, o Senhor  
Doutor ARMANDO RIBEIRO FALÇÃO  
DD MINISTRO DE ESTADO DA JUSTIÇA  
N E S T A

CONFIDENCIAL

F

I

M